

Questões sobre Coesão Textual

1.

TEXTO II

O PRIMO BASÍLIO

la encontrar Basílio no *Paraíso* pela primeira vez. E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo tempo uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a, com um estremecimentozinho de prazer. – Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas
5 vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo – a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria? (...) Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta¹, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num
10 silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido² aos sonhos amorosos... Mas era num terceiro andar – quem sabe como seria dentro? (...)

E ao descer o Chiado³, sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante, e mesmo olhava com certo desdém os que passavam, no movimento da vida trivial – enquanto ela ia para uma hora tão romanesca da vida amorosa! (...) Imaginava Basílio
15 esperando-a estendido num divã de seda; e quase receava que a sua simplicidade burguesa, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou carícias bastante exaltadas. Ele devia ter conhecido mulheres tão belas, tão ricas, tão educadas no amor! Desejava chegar num cupê⁴ seu, com rendas de centos de mil-réis, e ditos tão espirituosos como um livro...

A carruagem parou ao pé duma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um
20 cheiro mole e salobre⁵ enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas⁶. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás duma portinha, ao lado, sentia-se o ranger dum berço, o chorar doloroso duma criança.

(...)

25 Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, dum branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente⁷ entreabertos...

Eça de Queirós
Obras de Eça de Queiroz. Porto: Lello & Irmão, s/d.

¹ quinta – pequena propriedade campestre

⁵ salobre – salgado

² lânguido – sensual

⁶ nódoas – manchas

³ Chiado – bairro de Lisboa

⁷ impudicamente – sem pudor

⁴ cupê – antiga carruagem fechada

“E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido” (l. 1-2)

No trecho acima, o sinal de dois-pontos estabelece uma relação de sentido.

Identifique essa relação. Depois, reescreva o trecho, substituindo o sinal de dois-pontos por um conectivo que mantenha a mesma relação de sentido. Faça adaptações, se for necessário.

2. “Como é difícil reconstituir os acontecimentos! Lembrar o ano em que tudo começou já exige esforço. Distribuir os fatos pelos meses não consigo. **Mas** ordenar os sentimentos é para mim totalmente impossível.”

REDIJA um texto, explicando o funcionamento do conector destacado nesse trecho do conto “Helga”*, do livro *Antes do baile verde*, de Lygia Fagundes Telles.

3.

Texto II



<http://edmacieljr.blogspot.com>

A pergunta da personagem Mafalda, no segundo quadrinho, inicia-se com a palavra "então", que estabelece uma relação de sentido com a situação anterior.

Identifique a relação de sentido estabelecida e reescreva a pergunta, substituindo o vocábulo "então" por outro conectivo.

4.

Texto II

O fragmento abaixo compõe um livro que recria, pela ficção, a Bahia do século XVII e tem como personagem central o poeta Gregório de Matos.

"Esta cidade acabou-se", pensou Gregório de Matos, olhando pela janela do sobrado, no terreiro de Jesus. "Não é mais a Bahia. Antigamente, havia muito respeito. Hoje, até dentro da praça, nas barbas da infantaria, nas bochechas dos granachas, na frente da forca, fazem assaltos à vista." (...)

Às seis horas da manhã, o governador Antonio de Souza de Menezes saiu do palácio. Cruzou a praça central onde ficavam os edifícios da administração: a sede do governo, a prisão, a Câmara, o Tribunal e o Armazém Real. Dirigiu-se à igreja dos jesuítas, para o sacramento da penitência. Gostava de fazê-lo de manhã. Tinha seu padre confessor, da ordem dos franciscanos, mas considerava os jesuítas mais preparados para a orientação religiosa.

Muitas vezes, ao ajoelhar-se aos pés do sacerdote para fazer suas revelações, gostava de imaginar que quem estava inquirindo seus pecados era o padre Antonio Vieira. Eram suas supremas confissões. Falava sobre todas as iniquidades, transgressões, violações que cometera. (...)

As pessoas que caminhavam pela praça naquele momento eram, na maioria, negros escravos ou mestiços trabalhadores. Muitos iam para as igrejas. Os sinos chamavam, repicando. (...)

Os homens, mesmo dentro da igreja, andavam armados de espadas e cotós limpos. Tudo naquela cidade dependia da força pessoal. Já não se enforcavam mais tão comumente os ladrões e os assassinos, tampouco os falsários e os maldizentes. Não havia grandes assaltantes na Bahia, diziam, mas quase todos furtavam um pouquinho. Alguns salteadores de estradas, raros ladrões violentos ou cortadores de bolsas andavam por ali, porém uma desonestidade implícita e constante fazia parte do procedimento das pessoas. Negros fugidos tornavam as estradas e certas ruas mais perigosas. A cobiça do dinheiro ou a inveja dos

ofícios, além disso, era um sentimento comum. (...) Todos levavam seus golpes, todos sofriam com as intrigas cruéis e nefandas. Gregório de Matos suspirou. Era muito mais difícil viver ali. Por que voltara? Mascates no terreiro, em volta da igreja, vendiam miudezas. O movimento das ruas aumentava. Passantes dirigiam-se aos jogos, ao campo, para divertir-se ou murmurar contra o governo, criando suas próprias leis e arbitrios. E, mesmo sendo ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.

ANA MIRANDA

Boca do inferno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

"E, mesmo sendo ainda de manhã, alguns vinham trôpegos." (l. 24)

Identifique a relação estabelecida no contexto pela oração sublinhada. Reescreva, também, toda a frase, substituindo o vocábulo mesmo por um conectivo, de modo a manter o sentido essencial, fazendo apenas as alterações necessárias.

5. Até o advento da filosofia socrática, acreditava-se que a felicidade dependia dos desígnios dos deuses. Essa concepção religiosa da felicidade imperou durante muitos séculos e em diferentes culturas. No IV século antes de Cristo, Sócrates inaugura um paradigma a partir do qual buscar ser feliz é uma tarefa de responsabilidade do indivíduo, debatendo sobre a felicidade e pregando que a filosofia seria o caminho que conduziria a essa **condição**. Aristóteles continua a investigação de Sócrates, concluindo que todos os outros objetivos perseguidos pela humanidade – como a beleza, a riqueza, a saúde e o poder – eram meios de se atingir a felicidade, sendo esta última a única virtude buscada como um bem por si mesma. A partir do Iluminismo, a concepção de mundo no Ocidente começa a girar em torno da crença de que todo ser humano tem o direito de atingir a felicidade. Na mesma linha, o ideário da Revolução Francesa estabelece que o objetivo da sociedade deve ser a obtenção da felicidade de seus cidadãos (Csikszentmihalyi; McMahon). [...]

Com relação ao trecho “pregando que a filosofia seria o caminho que conduziria a essa condição” (linha 4 – Texto 3), identifique o referente do termo “condição”.

6. (...) A busca da felicidade é o combustível que move a humanidade — é ela que nos força a estudar, trabalhar, ter fé, construir casas, realizar coisas, juntar dinheiro, gastar dinheiro, fazer amigos, brigar, casar, separar, ter filhos e depois protegê-los. Ela nos convence de que cada uma dessas conquistas é a coisa mais importante do mundo e nos dá disposição para lutar por elas. Mas tudo isso é ilusão. A cada vitória surge uma nova necessidade. Felicidade é uma cenoura pendurada numa vara de pescar amarrada no nosso corpo. Às vezes, com muito esforço, conseguimos dar uma mordidinha. Mas a cenoura continua lá adiante, apetitosa, nos empurrando para a frente. Felicidade é um truque.

Indique um conectivo que possa substituir o travessão no segundo parágrafo do texto A busca da felicidade.

Gabarito

1. A relação de sentido é a de causa. A personagem estava nervosa porque não pudera dominar o seu medo. Outras possibilidades de reescrita com conectivos que explicitam essa relação de sentido são: "E estava muito nervosa, uma vez que não dominava / já que não conseguia dominar, desde pela manhã, um medo indefinido".
2. Embora o "mas" desempenhe, normalmente, papel adversativo, neste trecho ele encerra uma cadeia gradativa, desempenhando um papel enfático. Percebe-se que o narrador estabelece uma sequência de fatos marcados, de modo geral, pela impossibilidade de concretização: a reconstituição dos acontecimentos é difícil; a lembrança exige esforço; a distribuição dos fatos não é alcançada e a ordenação dos sentimentos é totalmente impossível. Importante notar que essa impossibilidade final, reforçada pelo uso do advérbio "totalmente", é justamente a introduzida pelo conectivo "mas".
3. A relação de sentido estabelecida é de "conclusão": considerando que cada um dos personagens do primeiro quadrinho tem de fazer algo, a conclusão lógica é que eles não têm muito tempo para brincar. A reescritura da pergunta, substituindo o vocábulo "então", deve manter esta relação, como, por exemplo: "Portanto, acho que só dá tempo de brincar de guerra nuclear, não é?".
4. A relação de sentido entre as duas orações está sustentada na ideia de contraste, oposição ou concessão, definida pelo conectivo mesmo em oração reduzida de gerúndio. Exemplos de utilização de outros conectivos com o mesmo valor e função, com modificação da estrutura de gerúndio, podem ser: E, embora fosse ainda de manhã, alguns vinham trôpegos; E, apesar de ser ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.
5. Felicidade
6. Pois